



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – ECOLOGIA DO CORPO CORAÇÃO MENTE E ESPÍRITO: uma jornada de autoconhecimento e cura

Nadir Esperança Azibeiro*

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de trabalho terapêutico, numa perspectiva transpessoal, a partir de uma experiência vivida e da trajetória de busca pessoal da autora, como mulher/mãe/avó/educadora/orientadora/terapeuta. Tomando como fio condutor a intensificação dos sentidos e dos *sentires*, essa proposta busca a *cura*, entendida como *harmonização do ser*, consigo mesm@¹, com @s demais, com o cosmos, a partir da autotranscendência e da ampliação da consciência. O encontro com o conceito de *matrístico*, trabalhado por Maturana, a partir do trabalho arqueomitológico de Marija Gimbutas, apresentado também por Riane Eisler como *gilânico* ou *relações de parceria*, ampliou o entendimento da *ecologia do ser*, enraizando a ética do *cuidado* e da *cooperação* nos anseios mais primordiais do *Ser em comunhão*, em busca de *plenitude*.

Palavras-chave: Perspectiva Transpessoal. Cura. Harmonização. Autotranscendência. Matrístico.

* **Nadir Esperança Azibeiro** - Terapeuta Autorizada de Polaridade Sistêmica, Especialista em Psicologia Transpessoal, Doutora em Educação, Facilitadora dos módulos de Metodologia e Escrita Criativa nos Cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal IZEN, Membro do CIT. nadirazibeiro@gmail.com

¹ Com o símbolo “@” quero indicar simultaneamente o feminino e o masculino. Ao invés de verter o gênero dos substantivos (e respectivos complementos nominais) no masculino, que seria o gramaticalmente correto, utilizo propositalmente esta forma gráfica para levantar a questão – política e cultural – do sexismo de nossa linguagem, que transforma o masculino no genérico, invisibilizando mais uma vez o feminino (ver a esse respeito Azibeiro, 1994, 2002, 2006). Neste artigo, utilizarei essa forma, ou “o/a”, “o(a)”, alternando-as, para explicitar que não existe uma forma única, “o padrão correto”, além de não cansar leitoras e leitores! Cf. também o Manual para uso não sexista da linguagem, disponível em:

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>, além de outros textos, como os disponíveis em:

<https://petdirunb.wordpress.com/2012/06/29/linguagem-inclusiva-para-que-serve/>,

[http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1\(2\)Caldas-Coulthard.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1(2)Caldas-Coulthard.pdf),

<http://culturadigital.br/drica/2010/04/22/bricolando-ser-estar-linguagem-inclusiva/>. Acesso em: 5 maio 2016.

INTRODUÇÃO

Nossa primeira responsabilidade é a de colocar em ordem a nossa casa interior, cultivando a ecologia do Ser, o que reverberará profunda e imediatamente no mundo exterior.

CREMA, 2002, p. 65.

Ecologia do Corpo, Coração, Mente, Espírito. Há quanto tempo defino assim o meu propósito enquanto *curadora*? Certamente, há mais de dez anos. Muitas páginas já escrevi sobre isso (grande parte delas meu *mac* se encarregou de perder).

Ao escolher esse título para meu trabalho final desta Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, joguei-o no Google para ver o que aparecia. E encontrei muitas afinidades, bem como inúmeros despropósitos. Foi interessante, ainda que sem sentido, em alguns momentos, e muito divertido em outros. O mais importante, no entanto, tem sido, mais uma vez, perceber que, das mais diversas formas, a partir de lugares e posicionamentos os mais distintos, há um *movimento* em direção ao Ser, à Plenitude, à Transcendência, à Transformação dos valores e das *relações*. Uma insatisfação com o que está posto. Uma busca de *mais*, de *liberdade*, de conexão com o *Todo*.

O que pretendo? Ativar *ressonâncias* (AZIBEIRO, 2002, p. 83), sincronidades, em minha trajetória, estudos, busca espiritual, processos de autodesenvolvimento, com o fim de propor um trabalho terapêutico, numa perspectiva transpessoal, a partir desse meu *percurso* como *mulher/mãe/avó/educadora/orientadora/terapeuta*.

Tenho uma trajetória acadêmica, que será também considerada. Mas não é esse o ponto fulcral desta busca, nem mesmo seu ponto de partida. Para propor um caminho de autoconhecimento e cura, vou retomar minhas próprias *trilhas* e fazer da escrita uma experiência fascinante de descoberta e superação – como sempre instigui orientandas e orientandos a fazerem.

Essas palavras foram escritas em 2 de fevereiro de 2016. Nos dias seguintes não retomei o texto, pois fiquei cuidando de meu filho e nora que chegaram em minha casa com uma virose que *@s derrubou*. No fim de semana seguinte, início do carnaval, percebi que eu havia “pego” a tal virose. Eu estava *derrubada*: febre, enjoo, dores pelo corpo.

Na quarta-feira de cinzas, 10 de fevereiro, acordei às 4h da manhã¹ com a *intuição*² de que eu tinha vivido nesses dias uma *jornada de autoconhecimento e cura*, que acabou se constituindo no roteiro deste trabalho e no guia de sistematização dessa proposta terapêutica.

Nos meses seguintes, retomei algumas leituras, buscando maior compreensão dos significados e vivências de *conversações matrísticas* (GIMBUTAS; MATURANA), *gilâni case de parceria* (EISLER, STONE). Ao mesmo tempo, encontrei outros autores e autoras, que cito no decorrer deste trabalho, e que, como afirmou Ubiratan D’Ambrosio, em agosto de 1994, na banca de minha defesa de mestrado, ajudaram-me a entender e explicar melhor o que eu estava *pensando sentindo vivendo*.

Nesse processo, fui tecendo esta *teia* que, como considera Wilber em sua *Odisseia* (1982, p.25), foi-se baseando “na prática e experiência pessoal tanto quanto no estudo teórico”.

Assim, este artigo busca *entretecer* a experiência vivida durante o carnaval de 2016 com as trilhas percorridas em minha trajetória de vida, lançando luz sobre a proposta terapêutica que venho denominando *Ecologia do Corpo, Coração, Mente e Espírito*.

1 UMA JORNADA DE CURA, AMPLIANDO SENTIDOS E SENTIRES

Canalizo, com o fim de embelezar, inspirando a arte.

*Selo o armazém da elegância com o tom ressonante da harmonização. Eu sou guiada pelo poder do fogo universal.*³

Na primeira noite, no meio da febre, me vi conduzida por uma loba branca a um lugar lindo! Um mar de um azul intenso, brilhante. Em meio caminho entre a praia e o horizonte,

¹ “Quatro horas da manhã é a hora da terceira força, entre a luz e a sombra, entre o dia e a noite” (WEIL apud LELOUP, 2003, p. 90).

² Jacob Bazarian (1985) trata da *intuição* como *modo de conhecimento*. Ver também a esse respeito Azibeiro (1994, 2002, 2006).

³ Sincronário da Paz (Calendário Maia). Kin 228: Estrela Ressonante Amarela. Diana de Assis (2005, p. 276) propõe outra tradução: *Recebo inspiração para embelezar/ Canalizando a arte/ Domino a fonte da elegância/ Com o Tom Harmônico da sintonia cósmica/ Guia-me o poder do Fogo Universal (Sol)*.

uma barreira de arrecifes modulando entre o rosa e o rubi. Na praia, uma areia muito branca. E, no sonho, eu não cansava de repetir: “*Que lugar lindo!*”, “*Este lugar é muito lindo!*”

Na noite seguinte, meu corpo era um fractal de luzes coloridas e doloridas. Cores das dores. Cada milímetro de meu corpo doía. Acordei gemendo alto. Sentia que cada dor, ao respirar, tinha uma cor. E eu alternava as cores para aguentar... Gemer me dava forças para suportar.⁴ Acordei, ouvindo e repetindo para mim mesma: “escolho aprender pelo amor e pela beleza”.

Tudo é tudo e todos somos UM. Essas palavras, que não eram ditas, mas *sentidas* como a única *realidade*, vibravam dentro de mim e faziam vibrar todo o meu ser, na terceira noite, enquanto uma luz intensa parecia tomar conta de mim.

Na quarta noite, às quatro da manhã, acordei sem febre. Despertei com a nítida percepção de que vivera uma jornada de cura e que era essa a experiência, vívida e vivida, de uma *ecologia do corpo, coração, mente e espírito*.

“Penso que os sonhos são a chave para entender como o científico e o místico se juntam” (PERT, 2009, p. 149). *Juntar* científico e místico, integrar o que se encontra disperso, fragmentado. Esse tem sido o maior propósito de toda a minha *jornada* interior e acadêmica. E esse é o cerne da abordagem transpessoal.

O termo ‘transpessoal’ foi referendado por Jung em 1916 e, em 1968, foi “anunciada por Maslow como uma nova abordagem em psicologia” (SALDANHA, 2006, p. 12).

O transpessoal busca, através de práticas em estados que transcendem o ego, integrar o transcendental ou espiritual nas dimensões pessoais, realizando nossa dimensão profunda, fluindo na transformação, mas sendo sensível às faíscas do eterno (ALMENDRO apud SALDANHA, 2006, p. 13).

Para Wilber (2001, p. 85), “o transpessoal procura integrar o sensorial, o introspectivo-racional e o contemplativo”. Desse modo, a abordagem transpessoal é necessariamente transdisciplinar. Essa foi, aliás, a perspectiva

que adotei desde antes de a saber definir conceitualmente, o que comecei a fazer durante o mestrado, apoiada em Weil, D’Ambrosio, Crema, Prigogine e Stengers, Fleuri, Japiassu. Possivelmente, em meus estudos, essa postura tem origem na proposta de 1ª série experimental, que vivi ao ingressar no ginásio⁵, em 1961, coordenada por Maria Nilde Mascellani⁶. Trabalhávamos com projetos de aprendizagem. As várias disciplinas se integravam em torno do mesmo projeto, ensinando-nos a dialogar com os vários saberes para aprofundar nosso conhecimento e reflexão.

Na Transdisciplinaridade não existe um piloto automático, pois não há algoritmos, modelos prontos, nem um conhecimento dogmático. Os modelos estão numa remodelação permanente diante de cada campo de reflexão e de cada campo de aplicação. Somos todos *transnautas*, explorando, criando e aplicando o imaginário transdisciplinar na complexidade dos diferentes ‘territórios’, nos diferentes níveis de realidade, incluindo a intuição racional, do coração, intelectual e essencial, e também lógicas não clássicas, com ênfase na lógica do terceiro incluído, possibilitando, assim, a emergência de novos cenários (CETRANS, 2002, p. 13).

Por isso, esse modo de *serfazer* aparece como contínua *transgressão* metodológica. Como bem explica Corazza (1996, p. 126-127):

Transgressão constituída pelo que entendo possível chamar de uma pluralidade imetódica [...] no sentido de modos de falar e pensar em que não há método estabelecido. Que não são metódicos, comedidos, discretos, circunspectos. Maneiras de fazer pesquisa nas quais não existe apenas uma maneira racional de coordenar idéias, de ordenar ‘fatos’, de regularizar, classificar, dispor, tratar, alcançar um fim determinado.

⁴ A respeito da cura pelas cores e pela entonação, ver Gardner (2007).

⁵ No Brasil, à época, o ensino formal se organizava em Primário, Ginásio e Colégio. O Ginásio corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental.

⁶ Maria Nilde Mascellani (1931-1999) idealizou e coordenou, de 1962 a 1969, o Serviço de Ensino Vocacional no Estado de São Paulo.

Assim, fui me entretendo, a partir de fazeres e saberes, *sendo*. Criando processos de alquimia de meus saberes e fazeres, do meu *ser*, propondo-me e dispondo-me a ser apoio para outros *seres*. Desmontando, como professora, a postura professoral de quem sabe *sobre*, para *saber com*. “Todos/as se descobriam capazes” (AZIBEIRO, 1994, 2002, 2006).

Há sempre um saber inscrito no fazer. Mais do que isso, um saber inscrito no *ser*. Um saber do tato, do contato, dos sabores e dos saberes, que escolhi ao longo de minha trajetória que se constituísse como *saber com* (o saber da dominação é um saber sobre). Há um saber *ins-crito* e não necessariamente *es-crito*. *Saber* que para mim tem sido percebido como *beleza*. “Para os Terapeutas de Alexandria, a beleza cura” (LELOUP, 2012, p. 28).⁷

A beleza, as belezas *naturais*, sobretudo, sempre me atraíram o olhar e aqueceram o coração. Gosto de olhar do alto em direção ao horizonte⁸. Gosto muito desta vista que descortino aqui da minha janela. No horizonte se encontram o azul do céu e o azul do mar. Bem no meio, uma Ilha, provavelmente a do Xavier. No canto esquerdo, as ondas da Joaquina. No lado direito, os múltiplos tons de verde do Morro do Lampião. Aqui, bem encostado à janela, a dança dos galhos do Flamboyant acariciados pelo mesmo vento que faz ecoar suavemente o sino pendurado acima da maca.

Ainda bem pequena gostava de sair com meu pai nos arredores da Vila Nova Conceição, em São Paulo. Ali, àquela época, as casas ainda estavam incrustadas em quarteirões de mata nativa. Eu recolhia flores (ou suas pétalas) que haviam sido derrubadas pelo vento e *cuidava* delas no

estribo do carro. Meu pai tirou fotos desses momentos e muitas vezes me contou e recontou essas histórias. Eram momentos de *cuidado* e *cura*. Quando os vivi. E sempre que os rememorei.

No estilo alexandrino, a tarefa básica do terapeuta é a de cuidar, para que a Grande Vida possa curar. Cuidar, sobretudo, da saúde e da plenitude, já que é a partir do que está bem e fluindo em nós que uma dinâmica curativa e evolutiva é impulsionada, de forma expansiva e integrativa. (CREMA, 2007).

Em minha dissertação de mestrado, falava em “inventar um paradigma ético-estético para a vida” que “é uma obra de arte”, com a qual “é necessário ter capricho” (AZIBEIRO, 1994, 2002). Encontros (re-encontros). Ressonâncias. Sincronicidades. Ao falar em estética, as pessoas em geral se remetem ao campo da arte. Entendo *estética* como algo bem mais amplo. O termo vem do grego *aesthesis*, que significa *sensível*. Estética, assim, comporta uma série de fenômenos ligados à dimensão da *sensibilidade*.

Refiro-me ao *sentir estético*, aberto à natureza e à arte; à *atitude estética*, que se prolonga e manifesta nas relações; e à *experiência estética*, que arrebatada e transmuta, constituindo-se, não raro, numa experiência transpessoal. A *experiência estética* está relacionada com a vida, em seus momentos de intensidade e êxtase e, para mim, em todos os momentos de contemplação. Ela me possibilita olhar de forma diferente a algo que é comum, estabelecendo um *suspender de certezas* e oferecendo a possibilidade de *novos olhares* e novas configurações do *ser*.

No momento da *experiência estética*, acontece um envolvimento total entre o *eu* e o objeto estético, a tal ponto que a realidade cotidiana é posta em suspensão, dando lugar ao princípio do *prazer*. Roberto Freire (1987) aproxima o prazer da conscientização (consciência ampliada, expandida). Assim o entende também Reich:

A experiência do prazer, para Reich, é uma experiência de *contato* e de *troca* que estabelece a relação entre a energia do organismo e a do ambiente, seja ele humano ou não. É também uma experiência unificadora para o próprio

⁷ Luiza Frazão, sacerdotisa celta que ministrou um dos módulos desta Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, foi enfática ao afirmar: “*A Beleza é um portal*”. (Florianópolis, Praia Mole Hotel, 1º maio 2016).

⁸ “Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto. Aquele que não tem um horizonte é um ser que não vê suficientemente longe e que, por conseguinte, supervaloriza o que lhe está mais próximo. Pelo contrário, ter horizontes significa não estar limitado ao que há de mais próximo, mas poder ver além disso. Aquele que tem horizontes sabe valorizar corretamente o significado de todas as coisas que caem dentro dele, segundo os padrões de próximo e distante, de grande e pequeno” (GADAMER, 2005, p. 452).

organismo, porque integra as energias dispersas nas diferentes partes do corpo numa *totalidade* e põe o organismo em contato consigo próprio (PAGÈS, 1976, p. 69 *apud* AZIBEIRO, 2002, p. 93).

A experiência do *prazer*⁹ é a experiência da *comunhão* entre o *ser* e o mundo, uma experiência que chega com frequência à completude estética, ao *êxtase*. Experiência do *sublime*. Sócrates via o *belo* como expressão do *divino*. “É um campo de intensidades, uma paixão” (DELEUZE, 1992, p. 142). “O que move a vida é o prazer, não a dor” (RODRIGAÑEZ, 2010, p. 71).

É o prazer que nos faz sentir a vida à flor da pele, que nos faz perceber “a cor e o sabor da vida” [...]. É o prazer que faz fluir e torna disponíveis todo o potencial, todas as linhas-de-virtualidade [...] É uma força de subjetivação (AZIBEIRO, 2002, p. 94-95).

2 CONVERSÕES MATRÍSTICAS E/OU RELAÇÕES DE PARCERIA: TUDO É TUDO E TODOS SOMOS UM

Afeita desde muito jovem ao que se abria ao múltiplo, ao que transpunha fronteiras, ao que fugia da *normose*¹⁰, identifiquei-me com a perspectiva *transdisciplinar* antes mesmo que ela tivesse uma formulação precisa. Na universidade isso não era nada bem visto... Muitas vezes tachada de eclética, aprendi no mestrado com Crema, Weil e D'Ambrosio a distinguir ‘*rigor*’ de ‘*rigidez*’ (AZIBEIRO, 1994, 2002). Após o doutorado, minhas proposições de outros paradigmas¹¹ de

⁹ Ver a esse respeito, também, toda a obra de Casilda Rodrigañez. Disponível em: <https://sites.google.com/site/casildarodriganez/>. Acesso em: 11 maio 2016.

¹⁰ *Normose* é um termo cunhado por Leloup, Crema e Weil para definir o que é considerado normal pelos padrões culturais, mas leva às exclusões, à violência, em última instância, à depreciação da VIDA. (Ver WEIL, 1997).

¹¹ Falo em *paradigmas* no sentido proposto por Kuhn. Thomas Samuel Kuhn (Cincinnati, 1922 – Cambridge, 1996) foi um físico e filósofo da ciência. Utilizou o termo “paradigma” para referir-se aos “princípios organizadores do conhecimento” (AZIBEIRO, 1994, nota 182). Um paradigma é, assim, uma matriz que sustenta uma concepção de mundo numa determinada época. “Um paradigma, para mim, significaria a totalidade de pensamentos, percepções e valores que formam uma determinada visão de realidade, uma visão que é a base do modo

pesquisa, ensino, aprendizado foram tendo que ser *engolidos*. Afinal, tornei-me ‘*autoridade*’ no assunto... Tornei-me especialista em desencavar e trazer à luz autoras e autores que falavam *a partir das margens*, propondo outros paradigmas de pensamento e ação.

Compartilhando com Boaventura de Souza Santos sua *Crítica da Razão Indolente*, fui conhecendo e trazendo ao conhecimento várias autoras e autores que vêm tecendo um conhecimento de caráter relacional, que não necessita desbancar @s outr@s para aparecer, *lugar* possível para a emergência de práticas e experiências emancipatórias de pessoas e grupos: o pensamento fronteiriço para Walter Mignolo; o terceiro espaço, ou entrelugar, para Hommi Bhabha, o *matrístico*, para Marija Gimbutas, divulgado por Maturana e apresentado por Riane Eisler como *gilânico*, que se materializa em *relações de parceria*. Catherine Walsh e Gloria Anzaldúa falam daqueles e aquelas que se movem entre lógicas distintas, entre códigos, nas fronteiras, como é característico dos povos originários da América que há 500 anos convivem com a modernidade-colonialidade (AZIBEIRO, 2006)¹².

A subjugação das mulheres e dos valores femininos (inclusive, e com muita violência, do *feminino* nos homens) é a tônica da cultura patriarcal, que tem prevalecido nos últimos cinco milênios de nossa história. Temos a impressão de que sempre foi assim por conta da crença de que esta é uma condição *natural*, determinada sexualmente.¹³

Contudo, estudos em diversas áreas do conhecimento têm nos revelado culturas que se organizavam (e organizam) de um modo matrifocal, em geral em torno de uma divindade feminina. Conhecidas como sociedades pré-históricas (ou aborígenes, ou primitivas), nelas, os valores femininos de dar e manter a vida são centrais. Essas sociedades têm convivido pacificamente e

como uma sociedade se organiza” (CAPRA, 1995, p. 22).

¹² Sem falar em Morin, Capra, Bateson, Margaret Mead, Merlin Stone e tantas outras, e outros, que explicitam esse outro modo de ver e viver, baseado no respeito, cooperação e parceria.

¹³ Esqueçemo-nos, inclusive, com muita frequência que, como bem lembra Jung, *valores femininos* não são apenas das mulheres, mas de todo ser humano em equilíbrio com seu *animus* ou sua *anima*.

em harmonia, entre si e com a natureza, por muitos milênios.¹⁴

A cultura matrística europeia pré-patriarcal estava centrada no amor e na estética, na consciência da harmonia espontânea de todo o vivo e do não-vivo, em seu fluxo contínuo de ciclos entrelaçados de transformação de vida e morte (MATURANA, 1993, p. 24).

A “velha Europa” é o termo utilizado por Marija Gimbutas para caracterizar a região que compreende a Itália e a Grécia, estendendo-se ainda pela Checoslováquia, o sul da Polônia e o oeste da Ucrânia. De acordo com ela, o povo dessa região antiga pertenceria a uma cultura pré-indo europeia, matrilinear, agrícola, pacífica e sedentária, “uma sociedade de parceria, na qual nenhuma metade da humanidade é colocada acima da outra, e nenhuma diferença é igualada à inferioridade ou superioridade” (EISLER, 2007, p. 72).

Segundo os pesquisadores, a cidade de Çatal Hüyük¹⁵ é a mais antiga atualmente conhecida e foi ocupada, de modo contínuo, por cerca de 800 anos. Em todo esse tempo, não se encontram registros de nenhuma morte violenta, nem de guerras, nem de ataques, nem mesmo de brigas entre vizinhos. Daí teria migrado o grupo que constituiu em Creta uma pequena colônia, por volta de 6.000 a.C.

Nos quatro mil anos que se seguiram houve progresso tecnológico lento e constante, na cerâmica, tecelagem, metalurgia, escultura, arquitetura e outras técnicas, o comércio cresceu e desenvolveu-se o estilo artístico vivo e alegre tão característico de Creta (EISLER, 2007, p. 75).

Quando as descobertas arqueológicas foram revelando o avanço tecnológico e

¹⁴ Essa consciência já está presente, inclusive, em estudos e documentos jurídicos, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX. Estudos e documentos que continuam, no entanto, ignorados e/ou invisibilizados (ver, por exemplo, “Introdução Crítica ao Direito das Mulheres”, p. 87-88. Disponível em: <http://odireitoachadonarua.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>. Acesso em: 5 maio 2016).

¹⁵ Çatalhöyük, ou Çatal Hüyük, ou Çatalhöyük, ou ainda Çatalhöyük, foi um assentamento neolítico muito grande na Anatólia (Ásia Menor), datado de cerca de 6700 a.C. (Cf. EISLER, 1997, p. 12).

cultural a que Creta chegou, “os arqueólogos¹⁶ estavam pasmos. Não compreendiam como a existência de uma civilização tão avançada tinha passado despercebida até então” (EISLER, 2007, p. 74).¹⁷

Stone¹⁸ viajou pelo mundo todo examinando escavação por escavação, arquivo por arquivo, objeto por objeto, reexaminando as fontes primárias e depois conferindo como tinham sido interpretadas. E ela descobriu que, na maioria das vezes, quando havia evidência de um tempo em que as mulheres e homens viviam como iguais, o fato foi simplesmente ignorado (EISLER, 2007, p. 74).

As descobertas arqueológicas mostram que em Creta “as casas eram construídas visando a beleza e o conforto [...] o único afresco minoico de tributo é o quadro de uma mulher em um gesto de bênção” (EISLER, 1997, p. 25).

O arqueólogo Nicolas Platon¹⁹, antigo diretor do Museu da Acrópole, que escavou Creta por mais de cinquenta anos, observa que esta era uma sociedade na qual a descendência ainda era traçada a partir da mãe e na qual a influência das mulheres era visível em todas as esferas. [...] Como também escreve Platon, a Creta minoica era uma sociedade “extraordinariamente pacífica” e, o que é mais notável, lá “a vida como um todo era inspirada por uma fé ardente na deusa Natureza, fonte de toda a criação e harmonia”. Isto levava a um amor pela paz, horror pela tirania e respeito à lei (EISLER, 1997, p. 25).

Nosso anseio por equilíbrio, beleza, paz, cooperação não é uma *utopia sem fundamentos*, como quiseram nos fazer acreditar. Já vivemos isso na História da Humanidade. Resgatar essa conexão significa a *cura* profunda do que existe de mais humano em nós.

Nós seres humanos gostamos de colaborar, gostamos de participar,

¹⁶ Usa-se o masculino plural porque, de fato, foram homens que manifestaram esse espanto.

¹⁷ Nota 3, Capítulo 3. Citando Nicolas Platon (1966, p. 15).

¹⁸ Merlin Stone, historiadora de arte.

¹⁹ Ver Platon (1966).

gostamos de fazer bem o que fazemos, gostamos de cumprir nossos acordos, gostamos de ter presença no que fazemos. Todos [sic]²⁰ sabemos como experiência de nosso próprio viver, sós ou com outros, que ser vistos, ser escutados, participar de um conviver fundado na confiança mútua, isto é, no amar, expande nossa conduta criativa, expande nossa conduta inteligente, expande nosso ver, nosso ouvir, e expande o desejo de ser impecável na qualidade do que fazemos, em qualquer domínio. E não somente sabemos disto, mas queremos viver assim porque nos faz bem em todas as dimensões de nosso viver (MATURANA, 2009, p. 74).

“Estou chegando a um lugar em que não me sinto mais separada” (PERT, 2009, p. 149). Essa é a experiência ecológica profunda. Experiência de eternidade, de infinito, de plenitude. Sensação de que *agora nada mais me falta*. Entrega total.

3 UMA PROPOSTA DE TRABALHO TERAPÊUTICO

O Estilo alexandrino é uma escuta ampla e irrestrita da inteireza humana e uma forma especial de cuidar do Ser, de apreender o Logos no coração do instante; uma visão de altitude e de profundidade, a partir da qual podemos abordar os sintomas, as escrituras, os sonhos e fatos do cotidiano, como textos complementares, buscando interpretá-los numa atitude de respeito às suas alteridades bem como à sua origem comum, a fonte transbordante de onde tudo que é existente jorra.

CREMA, 2002, p. 79

Ao longo destes anos como professora-orientadora – me constituindo terapeuta – fui descobrindo a *hermenêutica*²¹ – sempre a reinventando – como *metodologia* que contribuía para lidar com esses saberes-sabores, que brotam do ser, constituindo-o e reconstituindo-o. “Uma postura hermenêutica significa estarmos não apenas abertos/as, mas expostos/as às novas possibilidades” (GRÜN; COSTA, 1996, p. 101).

²⁰ O autor, ou quem o traduziu, ignora a questão do sexismo nesse trecho de sua obra.

²¹ Palavra cuja origem grega é “*hermeneia*”, por conta da figura de Hermes: o deus que transmutava o que era inacessível numa linguagem compreensível. Ver Riker (1991, p. 180).

A hermenêutica apela para a atenção e a compreensão. Atenção ao dito, ao feito, ao escrito, ao inscrito no ser e em sua história, seu contexto. Compreensão, muito mais do que da razão, do coração. Compreensão que vem da experiência, mas sobretudo da intuição, do mergulho na sabedoria ancestral, que está no *campo*²². Heidegger (2005), ao falar da compreensão, fala do *entender por dentro, do ser que compreende o ser*. Trazer à luz o que se oculta naquilo que se mostra.

Do modo como a fui desenvolvendo em minha prática, como *maiêutica*²³, dialogando com a pedagogia libertadora de Freire²⁴, significa dar o suporte para que cada pessoa identifique e geste o seu *ser* mais profundo, se *cure*. Metodologia que é *presença*. Ser em presença. Encontro profundo e comprometido no *aqui e agora*. Ser *presente*, atualizado em cada novo instante. Presença que tece e retece a *experiência*. Metodologia continuamente reinventada, já que definida pelo *Ser* em *presença* de outro *Ser*. Em cada *aqui e agora* específicos.

Refletindo sobre a experiência vivida, à luz do resgate de Leloup das características dos Terapeutas de Alexandria, fui percebendo as afinidades com o que já venho fazendo. Assim se define o cerne desta proposta terapêutica:

²² “Na filosofia chinesa, a ideia de *campo* não está apenas implícita na noção do Tao como algo vazio e sem forma e, contudo, gerador de todas as formas, mas é igualmente expressa, de maneira explícita, no conceito de *ch’i*. A palavra *ch’i* significa, literalmente, “gás” ou “éter” e era utilizada na China antiga para denotar o sopro vital ou a energia que anima o cosmo” (CAPRA, 1975, p. 162).

²³ Método socrático, que consiste em fazer perguntas que apoiem o aflorar de conhecimentos latentes em cada aprendiz.

²⁴ Trabalhando a disciplina Metodologia, Didática e Prática Pedagógica, em cursos de especialização *lato sensu* da FAED-UDESC, cujas turmas eram pluridisciplinares, incorporando profissionais das áreas de educação, psicologia, saúde, comunicação, direito, serviço social, dentre outras, notei o quase absoluto desconhecimento de Paulo Freire por parte de quem não é da área da educação. Considerando que é muito pouco apresentá-lo como *educador brasileiro*, que se autointitulava *andareiro do óbvio* e que se tornou internacionalmente conhecido por sua proposta de *educação dialógica*, remeto aos sites da “Cátedra Paulo Freire” - <http://www.pucsp.br/paulofreire/>; e do “Instituto Paulo Freire” - <http://www.paulofreire.org/>; dentre inúmeros outros que podem ser encontrados pelas ferramentas de busca da *web*.

A função do Terapeuta não é a de explicar, mas a de estimular a capacidade da pessoa de produzir ou captar um sentido para aquilo que lhe acontece (LELOUP, 2012, p. 35).

Recuperar a *sinergia* do *Ser*, este é o propósito deste processo terapêutico. “Cuidar daquilo que não está doente em nós. Porque é a partir deste espaço de saúde que a cura poderá ocorrer” (LELOUP, 2012, p. 36). Cura que se manifesta no encontro e na manifestação de todo o potencial de *amor*. O amor é a expressão e o desdobramento desta sinergia do *Ser*, da *Vida* em plenitude. Confiança, reciprocidade, transparência, fluidez – suas consequências.

Esta atitude talvez facilite o enraizamento da pessoa na sua dimensão transpessoal: no coração de sua humanidade. Nesta abertura que vai além de sua humanidade, permitindo que ela não se identifique com o que passa, mas com a Vida, que permanece (LELOUP, 2012, p. 36).

Não por acaso trabalho com o Sistema de Cura dos Florais da Deusa.

O maior diferencial de nosso Sistema de Cura é sua forma de ação, que nasce do despertar de forças que estão dentro da pessoa – é de sua própria psique que vêm os recursos e a luz que nutrem todo o processo de harmonização. Vêm também do Campo Mórfico de Deusas e Deuses de diferentes culturas e vêm da união da sabedoria do cliente e da sabedoria do Terapeuta Autorizado. A modalidade Polaridade Sistêmica traz para dentro do processo de cura do cliente forças que estão além da compreensão puramente mental: eles trazem o Divino, através do despertar de faces de Deusas e Deuses, que encarnam qualidades do Grande Ser Uno. Eles relembram em cada pessoa a chama formativa primordial, quando recebemos o sopro divino. Este retorno ao Sagrado, coloca a serviço do cliente um manancial enorme de forças de cura representadas pelos arquétipos. Somos um Sistema de Cura construído dentro de uma proposta espiritual, embora possamos tratar todas as pessoas, mesmo a mais cética das criaturas.

Uma sessão de Polaridade Sistêmica é sempre um lugar de onde a pessoa sai

diferente do que entrou – ela foi tocada pela Divindade que há dentro dela mesma, que sabe conduzi-la, protegê-la e guiá-la, desde que tenha oportunidades seguras de atuar. Ela esteve em conexão com vários Campos de Consciência e Cura - a consulta de Polaridade Sistêmica é o primeiro “tratamento” que o cliente recebe. Um aspecto da consulta que imprime uma marca totalmente diferenciada é o fato de que a combinação de essências de campo de consciência a ser tomada é escolhida pelo cliente, através de uma Mandala onde cada posição da essência traz uma percepção importante para o cliente, tanto sobre si mesmo quanto sobre seu processo e dificuldades. Não é uma escolha simples, ao acaso. O Terapeuta Autorizado é treinado para perceber e facilitar um campo de energia que funcione como um “contêiner energético”, de forma que o cliente possa escolher as essências num estado de relaxamento e conectado com sua Sagrada Guiaça Interna.²⁵

Essa é a síntese desta proposta terapêutica: a escuta profunda do *ser*, apoiando a descoberta de seus anseios mais profundos, ressignificando as experiências, de modo a que se perceba *pleno(a)* no *Todo*, múltiplo(a) em sua unicidade e *uno(a)* em sua multiplicidade. *Ecologia do corpo, coração, mente e espírito*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minha tese de doutorado, abordei o *pensamento fronteiroço* como forma de *manifestar*, de *trazer à luz* o que foi apagado, deixado de lado, exterminado pela colonização, ou, como dizia, pela *modernidadecolonialidade*. Neste artigo, explicito a dolorida verdade de que “*o buraco é mais embaixo*”... A *modernidadecolonialidade* foi uma nova expressão – e uma expansão – da dominação e eliminação de valores matrísticos, femininos, gilânicos, que se instalaram há muito mais tempo: há aproximadamente cinco mil anos, em nossa História.

O pensamento fronteiroço, assim, materializa-se num modo de *sersentirpensaragir* matrístico, que acorda e traz à tona, em mulheres e homens, valores

²⁵ Cler Barbiero, cocriadora do Sistema.

femininos, de cooperação, respeito, fraternidade, paz, ao invés de dominação, exclusão, violência. Valores que não excluem: complementam, interagem, escolhem levar à plenitude.

Esta proposta terapêutica, então, visa à recuperação do matrístico, do gilânico em nosso modo de *sersentirpensaragir*. Para que, através do respeito, do cuidado, possam se transformar vulnerabilidades em potenciais, uma vez que onde nos percebemos mais frágeis é onde se encontram nossos maiores campos de desenvolvimento.

Embora este não seja o momento de novas citações, me agrada muito terminar parafraseando Wilber, ao concluir sua *Odisséia: meu caminho continua. Quanto a meus escritos, se irão mostrar-se úteis a outras pessoas ou mera tagarelice subjetiva, pelo menos têm dado à minha vida um significado, um contexto, uma direção. Continuo a trabalhar, a estudar, a escrever, a contemplar; em resumo: continuo o caminho.*

REFERÊNCIAS

- ASSIS, D. **Calendário Maia**: a última chamada. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.
- AZIBEIRO, N.E. **A criação de relações de saber, poder e prazer na vida e nos processos educativos**: a experiência do FFMP-INCA, 1ª, 2ª e 3ª turmas. 1994. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- _____. **Relações de saber, poder e prazer**: educação popular e formação de educadores. Florianópolis: CEPEC, 2002.
- _____. **Educação Intercultural e Comunidades de Periferia**: limiares da formação de educadores. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- BATESON, G. **Mente e natureza**. Trad. Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade**: teoria do conhecimento. 2.ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.
- CAPRA, F. **O Ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- _____. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1993. Disponível em: <<http://www.fvdigital.org/rede/index.php/item/a-teia-da-vida>>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- _____. **Sabedoria incomum**: conversas com pessoas notáveis. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1995. Disponível em: <<http://www.tattwa.org.br/livros/Sabedoria%20Incomum-%20Fritjof%20Capra.pdf>>. Acesso em 02 março 2016.
- CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar da Escola do Futuro da USP). **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.
- CHOPRA, D. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras**: a alternativa quântica para o envelhecimento. Trad. De Haroldo Netto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CORAZZA, S.M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M.V. (org.) **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996 (p. 105-131).
- CREMA, R. **Antigos e novos terapeutas**: abordagem transdisciplinar em terapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. Cuidar da Paz. In: MAGALHÃES, D. **A paz como caminho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. Disponível em: <<https://citbrasil.wordpress.com/v-textos/cuidar-da-paz/>>. Acesso em: 17 fev. 2016.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EISLER, R. A Deusa da Natureza e da Espiritualidade. In: CAMPBELL, J. et al. **Todos os nomes da Deusa**. Trad. Beatriz

Pena. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro.** Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Pallas Atena, 2007.

FREIRE, R. **Sem tesão não há solução.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método.** Trad. Flávio Paulo Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: EDUSF, 2005 (Coleção pensamento humano).

GARDNER, J. Cura vibracional através dos chakras: com luz, cor, som, cristais e aromaterapia. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 2007.

GRÜN, M.; COSTA, M.V. A aventura de retomar a conversação: hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, M.V. (org.) **Caminhos investigativos.** Porto Alegre: Mediação, 1996 (p. 85-104).

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo: Parte I.** 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2005.

LELLOUP, J-Y. **Uma arte de cuidar: estilo alexandrino.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MATURANA, H. **Conversações matrísticas e patriarcais.** 1993. Disponível em: <http://api.ning.com/files/5lvJk3aui3DksGln*LNesRtYhPD1SPvZayPn84Mq4a1oRonBtZNBRIbDsfCav0MLkefd*GRa0NeHN3H0x6fkFx63k7g*E7gl/MATURANA Humberto 1993 ConversaesMatrsticasePatriarcais.pdf>. Acesso em: 07 fev 2013.

_____. **Matriz ética do habitar humano.** 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34817154/MATRIZ-ETICA-DO-HABITAR-HUMANO-Proyecto-do-Matriztica-2009>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

PAGÈS, M. **O trabalho amoroso.** Trad. José C.L. Rodrigues. Lisboa: Veja, 1976.

PERT, C. **Conexão mente corpo espírito para o seu bem-estar: uma cientista ousada avaliza a medicina alternativa.** Com Nancy Marriot; traduzido por Júlia Barany Yaari. São Paulo: ProLíbera Editora, 2009.

PLATON, N. **Crete.** Geneva: Nagel Publishers, 1966. (Archeologia Mundi Series).

RIKER, J.H. **Human excellence and an ecological conception of the psyche.** New York: State University of New York Press, 1991.

SALDANHA, V.P. **Didática transpessoal: perspectivas inovadoras para uma educação integral.** 2006. 298 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

STONE, M. **Quand Dieu était femme: à la découverte de la grande déesse, source du pouvoir des femmes.** Montreal: Ed. de l'Étincelle, 1979. Disponível em: <<https://matricien.files.wordpress.com/.../quand-dieu-c3a9tait-femme-merlin-stone.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

WEIL, P. **Normose: a patologia da normalidade.** São Paulo: Thot, 1997.

WILBER, K. **Odisseia: Uma investigação pessoal sobre Psicologia Humanística e Transpessoal.** Trad. Ari Raynsford. 1982. Disponível em: <www.ariray.com.br>. Acesso em: 07 jun. 2015.